

## O QUE NOS ENSINA O PROTAGONISMO FEMININO\*

Pedro Paulo Abreu Funari\*\*

**Resumo:** *O artigo trata do protagonismo feminino e o que podemos aprender com ele. Começa por discutir o que entende por protagonismo e protagonismo feminino. Em seguida, volta-se para dois estudos de caso, ambos do Oriente. A primeira é uma figura histórica, Artemisia, governante em Halicarnasso, no século V a.C., descrita pelo historiador Heródoto como uma poderosa e sábia aliada dos persas, ainda que fosse grega. Depois, o artigo torna a um personagem literário, Judite, tal como apresentada no livro do mesmo nome incluído no cânone católico e ortodoxo. Em ambos os casos, o protagonismo feminino estuda-se nos usos políticos do passado e a Recepção. Conclui-se por enfatizar como o protagonismo feminino ao ser levado em conta pode ser liberador.*

**Palavras-chave:** *protagonismo feminino; Artemisia; Livro de Judite; Oriente e Ocidente.*

### WHAT IS POSSIBLE TO LEARN WITH FEMALE AGENCY

**Abstract:** *The paper deals with female agency and what we can learn with it. It starts by discussing what to understand by agency and female agency. Then, it turns to a couple of case-studies, both from the East. The first one is a historical female character, Artemisia, a 5<sup>th</sup> c. BC ruler in Halicarnassus, described by the historian Herodotus as powerful and wise ally of the Persians, despite being Greek. Then the paper turns to a literary character, Judith as she is presented in the book of the same name included in the Catholic and Orthodox canon. In both cases, female agency is studied in the political uses of the past and reception. It concludes emphasizing how taking female agency into full account may be liberating.*

**Keywords:** *female agency; Artemisia; Book of Judith; East and West.*

---

\* Recebido em: 02/04/2023 e aprovado em: 10/07/2023.

\*\* Professor titular de História Antiga da Unicamp. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0183-7622>.

## Introdução

Há protagonismo possível de mulheres, pessoas escravizadas, submetidas, subalternizadas? Depende do que possamos entender por protagonismo (FUNARI, 2021a). A supremacia masculina, a violência sexual e o feminicídio, entre outros aspectos do presente, mostram que há, de fato, exploração e mesmo destruição e isso pode induzir a enfatizar o domínio. Ao mesmo tempo, há sempre resistência. Karl Marx destacava ambos os aspectos, ao dizer que as ideias dominantes eram aquelas da classe dominante (MARX; ENGELS, 2007) e, ao mesmo tempo, que a “História da humanidade é a História da luta de classes (MARX; ENGELS, 1998, p.68.)”. Diversos estudiosos enfatizam o primeiro aspecto, como Pierre Bourdieu (2019), como em seu *A Dominação Masculina*. E, de fato, o patriarcado, a masculinidade tóxica, o sexismo estão no cotidiano e afetam a todas as pessoas. Para dar conta da resistência, termos como antagonismo, insurreição, insubmissão, agência (*agency*) ou protagonismo têm sido utilizados, a partir da noção de que o poder é difuso, há sempre relações de poder. No lugar de dominação, parece mais fértil tratar de relações de poder:

*Creio que as relações de poder não devem ser consideradas de uma maneira um tanto esquemática, como, de um lado, há os que têm o poder e, do outro, os que não o têm. Uma vez mais, aqui um certo marxismo acadêmico utiliza com frequência a oposição classe dominante versus classe dominada, discurso dominante e discurso dominado. Ora, este dualismo, primeiro, não será jamais encontrado em Marx, mas, ao contrário, pode ser encontrado entre os pensadores reacionários e racistas como Gobineau, que admitem que, em uma sociedade, há sempre duas classes, uma dominada e outra que domina. Encontrareis isso em diversos lugares, mas jamais em Marx, porque, de fato, Marx é demasiado astuto para poder admitir algo parecido; sabe perfeitamente que o que faz a solidez das relações de poder é que elas não terminam nunca. Não há de um lado uns poucos, do outros muitos. As relações de poder passam por toda parte: a classe trabalhadora retransmite as relações de poder, ela exerce relações de poder (FOUCAULT, 1982, p. 41).<sup>1</sup>*

A noção de protagonismo retoma o sentido de fazer, dirigir (*ago*), presente no termo inglês *agency*, além de acrescentar o primado (*protos*, pri-

meiro ou anterior). Já feminino, cujo étimo parece indicar amamentação/cuidado, será tomado no sentido de atribuição: é mulher que assim se define ou quem é por outras pessoas assim considerada. Essa perspectiva evita discussões ilusórias sobre classificações objetivas e permite, ao contrário, explorar a gama contraditória de sentidos sociais associados a mulheres. Como veremos abaixo, é frequente a associação de características e adjetivos masculinos a mulheres em seu protagonismo, como, em particular, viril (*uir*, macho, ligado a *uis*, força, violência).

Neste artigo, duas personagens femininas protagonistas serão apresentadas: Artemísia de Halicarnasso e Judite (*Livro de Judite*). A primeira é uma pessoa, a segunda é uma criação literária. Ambas foram e continuam a ser retomadas (PORTER, 2008; MARTINDALE, 2013; GREENWOOD, 2016) e o protagonismo feminino serviu para inspirar ou atemorizar, sendo apropriado por feminismos. Ambas também servem para discutir a contraposição, tantas vezes manipulada e tóxica, de Ocidente masculino e forte versus Oriente feminino e fraco.

### Artemísia

Artemísia (século V a.C.) é uma personagem histórica conhecida, em particular, pela referência no historiador Heródoto (484-413 a.C.), mulher, guerreira, conselheira, aliada aos persas (CUCHET, 2022). Segundo o historiador:

*Τῶν μὲν νῦν ἄλλων οὐ παραμέμνημαι ταξιαρχῶν ὡς οὐκ ἀναγκαζόμενος, Ἀρτεμισίης δὲ τῆς μάλιστα θῶμα ποιεῦμαι ἐπὶ τὴν Ἑλλάδα στρατευσαμένης γυναικός· ἥτις ἀποθανόντος τοῦ ἀνδρὸς αὐτῆς τε ἔχουσα τὴν τυραννίδα καὶ παιδὸς ὑπάρχοντος νεηνίῳ ὑπὸ λήματός τε καὶ ἀνδρῆϊς ἐστρατεύετο, οὐδεμιῆς οἱ εἰούσης ἀναγκαίης. οὐνομα μὲν δὴ ἦν αὐτῇ Ἀρτεμισίη, θυγάτηρ δὲ ἦν Λυγδάμιος, γένος δὲ ἐξ Ἀλικαρνασσοῦ τὰ πρὸς πατρός, τὰ μητρόθεν δὲ Κρήσσα. ἡγεμόνευε δὲ Ἀλικαρνησέων τε καὶ Κόρων καὶ Νισυρίων τε καὶ Καλυδνίων, πέντε νέας παρεχομένη καὶ συναπάσης τῆς στρατιῆς, μετὰ γε τὰς Σιδωνίων, νέας εὐδοξοτάτας παρείχετο, πάντων τε τῶν συμμάχων γνώμας ἀρίστας βασιλεῖ ἀπεδέξατο. τῶν δὲ κατέλεξα πολίων ἡγεμονεῦειν αὐτήν, τὸ ἔθνος ἀποφαίνω πᾶν ἐὼν Δωρικόν, Ἀλικαρνησέας μὲν Τροιζηνίους, τοὺς δὲ ἄλλους Ἐπιδαυρίους. ἐς μὲν τοσόνδε ὁ ναυτικὸς στρατὸς εἴρηται. (HERÓDOTO. 7, 99)*

*Não preciso mencionar outros capitães, apenas Artemísia, que muito me admira, uma mulher, ir ao combate contra a Hélade. Ao morrer seu marido, tomou sua tirania e jovem filho e a iniciativa de avançar com o exército, sem qualquer necessidade, mas com ímpeto juvenil e valente. Seu nome era Artemísia, filha de Ligdamis, pela linhagem paterna de Halicarnasso, cretense pela materna. Comandava tanto os de Halicarnasso, como os de Cos, assim como os de Nisiro e de Calidno, fornecendo cinco navios. De todo o exército, eram considerados os melhores da frota, em seguida aos de Sidon e de todos os aliados deu os melhores conselhos ao rei. As cidades que ela comandava eram todas de linhagem dória, como mostro, pois os de Halicarnasso são de Troezen (Peloponeso) e os outros de Epidauro (Argólida). Disse o suficiente sobre a marinha de guerra.<sup>2</sup>*

Este trecho de Heródoto merece comentário e convém destacar os termos por ele utilizados. Caracteriza Artemísia como *ταξίαρχος*, *taksiarkhos*, termo masculino, que junta *táksis* (fileira de soldados) e *arkhé*, princípio, daí poder. O verbo usado para esta comandante *ἡγεμονέω*, *hegemoneuo*, “vou na frente”, “lídero”, de onde nossa palavra moderna hegemonia, está, também, associada ao mando militar. Em seguida, se lhe atribui a valentia masculina *ἀνδρεῖος ἀνὴρ*, varão, forte, duro. *Γνώμη*, *gnomé*, “o que sabia”, outra palavra significativa para o conselho de Artemísia ao rei persa. É, assim, Artemísia apresentada como dotada de autoridade tanto física e militar, como no âmbito das avaliações, das ideias: autoridade intelectual. Embora Heródoto mencione a Hélade, talvez para que o seu público ático aplaudisse, não deixa de mostrar que dórios, portanto gregos, estavam do outro lado, em aliança com os persas, sob liderança feminina! Menciona *γυνή*, *gyné*, mulher, fêmea, que produz *θαῦμα*, *thauma*, traduzido como maravilha, algo que se pode ver (de *θέα*, *théa*, vista, presente na palavra teatro). Heródoto mistura gente do leste e do oeste, apresentava e questionava essas mesmas separações (CARTLEDGE, 2013), ao ressaltar que havia dórios entre os persas, comandados por uma mulher, líder tanto nas tropas, como no conhecimento, amiga do rei persa (CARNEY, 2005). Heródoto serve para ver o oriente como constitutivo do ocidente, ambos termos sem sentido para sua época, mas que nos pode levar a começar a refletir sobre os usos posteriores desses termos (WEST, 1997). Mais que isso: a colocação de orientais como efeminados e passivos, frente aos ocidentais másculos e

dominantes, num só momento também vem contestada (*contra* HANSON, 1989). Artemísia não tinha recebido esse nome de propósito, mas a referência à deusa caçadora e do mato, Ártemis, não deixa de ser sintomática. Não se sabe bem a origem última do nome da deusa e nem importa tanto, apenas se ressalte como independente de varão. Por fim, um detalhe neste relato: Heródoto coloca sua frota como a melhor, apenas superada por Sídon, cidade fenícia, outra oriental! Artemísia: *virago* e mulher, como no autor do século II d.C. Justino:

*Artemisia autem, regina Halicarnasi, quae in auxilium Xerxi venerat, inter primos duces bellum acerrime ciebat, quippe ut in viro muliebrem timorem, ita in muliere virilem audaciam cerneret,* (JUSTINO. 2, 12).

*Artemísia, rainha de Halicarnasso, que viera em auxílio à Xerxes, movia guerra da maneira mais feroz entre os primeiros comandantes, pois poderias discernir certo temor feminino para um varão, assim como uma audácia viril em uma mulher.*<sup>3</sup>

Não por acaso, a Artemísia será lembrada como símbolo do poder feminino, mas também para desafiar oposições oriente/ocidente.

### **Judite**

Um pouco posterior, outra personagem feminina mostra aspectos de particular importância para o nosso tema: Judite. Em tudo diversa de Artemísia, tão significativa, contudo. Diversa, a começar pelo contraste entre uma pessoa, Artemísia, e uma figura literária, Judite. Convém apresentar o documento, suas características e os motivos de sua inclusão neste artigo, a começar por este último: Judite servirá para mostrar o poder feminino, mesclado entre gêneros e entre Oriente e Ocidente. Judite tem sido interpretada à luz do feminismo e do empoderamento feminino, ao que se pode e deve acrescentar a mescla cultural, para além de ilusórias dicotomias entre Oriente e Ocidente (PHILONEKO, 1996). Voltemos ao livro de Judite. Esta é uma obra literária de gênero difícil de definir (DORÉ, 2005). Não se enquadra bem nos gêneros literários canônicos, pelo que se tem usado termos anacrônicos ou modernos para o definir, tais como romanesco, romance, histórico, teológico, suspense. Isso pode ser explicado, também, pelo fato de não estar em um único e fechado contexto literário e

cultural. Não se sabe a sua autoria, não há menção pseudepigráfica, como era comum, para dar prestígio a um livro, ao atribuí-lo a alguém importante. Não se pode excluir uma autoria feminina. O *Livro de Judite* mais antigo que chegou até nós está escrito em grego *koiné*. Composta em época dos Macabeus, no período helenístico (135-78 a.C.), não se sabe se em grego, aramaico ou hebraico, a obra foi logo integrada no Cânone cristão, tal como presente nas Igrejas de tradição católica e ortodoxa. O Judaísmo rabínico não o incorporou, por motivos desconhecidos, como pode ser sua possível redação em grego, mas também como provável reação à sua adoção cristã com a identificação de Judite à Virgem Maria. Mesmo assim, na Idade Média, os rabinos acabaram por incorporar a figura de Judite, de alguma maneira. Mas, apresentemos, então, de forma introdutória a obra.

O *Livro de Judite* apresenta-se dividido em duas partes de parecida dimensão. A primeira apresenta a potência imperial que avança a todos conquistar, vinda do Leste. Israel ameaçado teme e prepara-se para a guerra. O líder do poder imperial não aceita o conselho de um seu aliado, Aquior, de que Israel conta com seu Senhor (Deus) e é expulso, sendo recebido pelos israelitas, explicando que estão na eminência de um ataque. *A'χιώρ* (*Akhiór*) no original deve retomar o hebraico אַחִיּוֹר *akhior*, “irmão (cheio) de luz”, um estrangeiro que é um irmão ao estar iluminado. Este aspecto mostra bem a crescente abertura dos judaísmos a outros povos, neste caso, como em outros, a oriente. Como todos são nomes inventados e simbólicos, importa o movimento geral de amálgama e inclusão. O general inimigo prepara-se para o ataque, cerca-os e os líderes e o povo tencionam render-se, se o Deus de Israel não os salvar em cinco dias. Antes de passar à segunda parte do relato, convém explicar os nomes dados a impérios e personagens, não históricos. Para evitar problemas, o livro não nomeia os desafetos contemporâneos, para não sofrer censura e represália, mas prefere usar termos muito mais antigos e sem mais quem se pudesse ofender. Mais ainda: usam-se nomes inventados ou simbólicos, algo tão comum na literatura em toda época e lugar e tanto mais neste caso. Os inimigos explicitados são os Assírios, que deixaram de ser potência fazia séculos. Tudo indica que esse inimigo era Antíoco Epifanes (215-164 a.C.) da Síria, cujo nome mesmo fazia referência à sua pretensão divina, já que *Ἐπιφανής* *epifanés* significa “que se manifesta” (subentende-se Deus que se manifesta). Além disso, *Ἀντίοχος*, *Antíokhos*, “suporte contra”, resistente é um nome a causar ressentimento nos submetidos ao seu jugo, que, eles, sim, podiam se con-

siderar resistentes, não o todo poderoso e presunçoso governante. Como se diz Judite ter vivido 105 anos, a data da redação da obra estaria bem no período proposto (PATTERSON, 2002).

A segunda parte apresenta Judite (a Judia, em hebraico). Judite questiona as autoridades por imporem um ultimato a Deus: ou Ele retira o sítio a Israel ou este se rende. Ao contrário, pede apenas para que possa sair da cidade com uma serva para que a salve. Judite é apresentada como viúva piedosa, que não foi submetida ao levirato (casar-se com um parente do marido), portanto livre, não sob a autoridade de um varão. Na historieta, Judite é desprezada por varões da elite, prontos a se prostrar ante o poder imperial. Ela nem pode revelar seus planos, por temor de não ser apoiada. Partem ela e a serva rumo ao inimigo, com um discurso sempre duplo: diz algo com duplo sentido, entendido pelo imperialista, Holofernes, como adulação e por ela mesma como desafio. Fala em Senhor para se referir a Deus, Senhor igual para todos, enquanto o outro se entende como um senhor/deus. A arrogância do imperialista, do dominador, cega e embriaga, de maneira literal, pois, bêbado, deixa-se decapitar por Judite, que escapa com seu escalpo, mostra aos seus incrédulos líderes, só de pleno reconfortados quando os exércitos inimigos fogem ao ver a cabeça do seu general. A narrativa não se quer realista ou histórica: Antíoco não teve esse fim, assim como nenhum outro imperialista. Assim, o sentido da historieta mais do que histórico era filosófico, para usarmos os termos de Aristóteles (*Poética*, 1451a e b), não algo único e irrepetível, mas algo possível e sempre capaz de levar à reflexão e à ação:

*ὁ γὰρ ἱστορικὸς καὶ ὁ ποιητὴς... διαφέρουσιν...  
ἀλλὰ τούτῳ διαφέρει, τῷ τὸν μὲν τὰ γενόμενα [5] λέγειν, τὸν δὲ οἷα ἂν  
γένοιτο. διὸ καὶ φιλοσοφώτερον καὶ σπουδαιότερον ποιήσις ἱστορίας  
ἐστίν: ἡ μὲν γὰρ ποιήσις μᾶλλον τὰ καθόλου, ἡ δ' ἱστορία τὰ καθ'  
ἕκαστον λέγει. (ARISTÓTELES. *Poética*, 1451a e b).*

*Diferem (o historiador e o poeta) é pelo fato de um relatar o que aconteceu e outro o que poderia acontecer. Portanto, a poesia é mais filosófica e tem um caráter mais elevado do que a História. É que a poesia expressa o universal, a História o particular.<sup>4</sup>*

O possível é sempre mais criativo do que o ocorrido, assim como mais inspirador. A morte de Jesus de Nazaré na cruz é um fato, a ressurreição

de Cristo em uma força transcendente, assim como a morte de um pai por um filho (Laio por Édipo) pode ser um fato corriqueiro, ante à retomada recorrente e inevitável da herança pretérita, materna e paterna. Nada disso, até aqui, é algo que se possa desvencilhar do Oriente, como quer que o definamos. A posteridade dessa narrativa tem sido constante, em particular nas artes visuais, desde a Idade Média até os dias de hoje. Isso confirma esse aspecto filosófico e perene do mito (relato). Neste artigo, apenas dois aspectos relacionados serão tratados: a mescla de gênero e entre umas e outras culturas, a ocidente e a oriente.

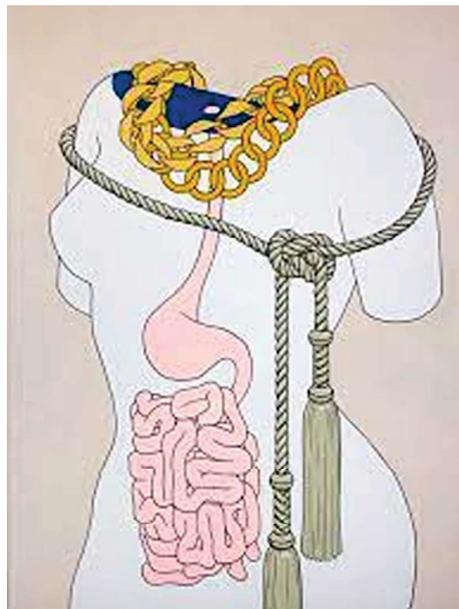
Se em discursos normativos judaicos, helênicos ou de outros povos em contato, como mesopotâmicos e persas, são os varões a predominarem e as mulheres a obedecerem, no mito de Judite isso aparece nem tanto invertido, como misturado ou contraditório. Judite não deixa de ser mulher, mas esposa bravura e força masculinas. Seduz com seus encantos femininos, mas sua astúcia é superior não só à do inimigo, como dos varões seus compatriotas e líderes da comunidade. Sua força vem de Deus, para quem reza, mas Deus não se manifesta senão no discurso de Judite, pelo que se pode deduzir que a força vem de sua convicção interior. Em seguida, Judite é uma forma feminina de Iehud, de etimologia controversa. A maioria relaciona o termo ao agradecer ou louvar ( יהוה ), outros preferem واھدا *wahda*, algo fundo (buraco, vale, ravina). Como Judá ou a Judeia era uma área montanhosa, difícil dizer, ainda que, em meio a montes há sempre muitos vales. Judite, no feminino, tanto louva Deus, como possui a fenda da mulher. Ainda que não o possamos saber ao certo, Iehud é um termo que só se torna usual com assírios e persas, pelo que Judite é, no próprio nome, testemunho dessa ligação entre o Irã, a Mesopotâmia e o Mediterrâneo. Essa mescla pode ser tanto milenar, como mais ainda à época do Exílio Babilônico e sua sequência, com o retorno patrocinado pelos persas e por Ciro, representado como o Messias ungido por Deus: יהוהי שמל, יהוהי רמא-הכ: הוהי (Isaías 45,1) (*Assim diz Javé ao seu ungido, a Ciro*).<sup>5</sup>

A libertação dos judeus veio do oriente, por intermediação de não semitas, mas indo-europeus, diriam os linguistas modernos, cujo monoteísmo (ou dualismo) de *Ahura Mazda* (zoroastrismo) está tão presente no mito de Judite. Opõe-se o Deus benéfico, como *ahura mazda*, e o senhor maléfico Holofernes, como *angra mainyu* ou *ahriman*. O próprio nome do personagem, Holofernes, é tomado ao antigo persa *varufarnah*, de grande glória, brilho e é irônico: o destruidor apresenta-se, arrogante, como cheio de glória.

Os usos posteriores da historieta de Judite não deixam de ressoar os temas aqui mencionados: protagonismo feminismo (SOMMERS, 2001) e mescla entre Oriente e Ocidente. No primeiro caso, há inúmeras referências literárias e iconográficas, como a reforçar o espanto com esse protagonismo. A profeminista Christine de Pizan (1364-1430), no seu *Cidade das Damas* (1405), dedica um tópico a Judite e ressalta o papel feminino: “Deus os aceitou as suas preces, e como Ele quis salvar a humanidade através de uma mulher, quis também socorrer e salvá-los pelas mãos de uma mulher (PIZAN; CALADO, 2006, p. 251)”.

Artemísia Gentileschi retoma outro aspecto desse protagonismo feminino, ao retratar o ato mesmo de decapitação (1614-1620). Ainda no âmbito da autoria feminina, agora em nossa época, pela pintora norte-americana Caitlin Keogh de maneira feminista explícita, Judite continua a ser uma referência, como em seu “Intestine and Tassels”, Intestino e talinhos (pompons).

**Figura 1:** Intestine and Tassels



Fonte: Whitney Museum of American Art, New York, 2015.

Como qualquer obra de arte, sujeita a interpretação de difícil aceitação universal, tendo a concordar com Madeleine Beck (2017):

*Keogh paints this figure as strong and alluring but constricted, exposed, prettified and isolated. She has put forth the idea that objects of beauty are groomed to be sexy and captivating, but are also forced to be vulnerable and void of any raw humanness.*

*Keogh pinta esta figura como forte e atrativa, mas restringida, exposta, embelezada e isolada. Ela avançou a ideia de que os objetos de beleza são criados para ser atrativos e cativantes, mas também são tornados vulneráveis e esvaziados de todo tipo de humanidade.<sup>6</sup>*

Judite e seu relato inventado continuam a inspirar! Uma narrativa feminina e oriental, com grande posteridade, inclusive feminista (ENDERLÉ, 1979; SAWYER, 2001; JORDAAN; HOABYNE, 2009).

### **Conclusão**

Dois mulheres orientais permitiram explorar, ou esboçar uma abordagem dos múltiplos e contraditórios aspectos do tema inicial deste artigo. As reapropriações contemporâneas (FUNARI, 2021b), ainda mais, mostram como esse oriente feminino pode servir a inspirar, a empoderar e a incluir, a induzir à convivência, frente à dominação e destruição. O protagonismo feminino, no passado e no presente, pode servir para um futuro de convívio. Artemísia, governante poderosa, mostra como a subalternidade é sempre relativa: ninguém detém todo o poder, para voltar a Foucault. O patriarcado não impediu o protagonismo de Artemísia, nem Heródoto deixou de ressaltar suas qualidades de liderança, assim como, muito depois, o fez Justino. Dois homens a destacar suas qualidades revelam como o protagonismo feminino podia chegar a produzir reflexões críticas. Judite, por sua parte, uma personagem mitológica, no sentido exato do termo (*mythos* como narrativa), revela como o protagonismo feminino pode ser em tudo liberador, contra os receios e covardia masculina. Essa historieta é tanto mais notável, quanto apresenta um relato em tudo crítico ao poder estabelecido, poder masculino. Daí que se possa mesmo suspeitar de uma autoria feminina. O que nos pode ensinar o protagonismo feminino? Ensina-nos a questionar o passado, o presente, em vista do futuro, que pode ser diferente. Artemísia e Judite podem servir a um devir diverso.

## **Agradecimentos**

Agradeço a Renata Senna Garraffoni, Violaine Sebillote Cuchet, Carla Pinsky, Jaime Pinsky. Menciono o apoio institucional do CNPq, Fapesp e Unicamp. A responsabilidade pelas ideias restringe-se ao autor.

## **Documentação escrita**

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Gulbenkian, 2008.

HERÓDOTO. Disponível em: Herodotus, The Histories, Book 1, chapter 1, section 0 (tufts.edu) Acesso em: abril de 2023.

JUSTINO. Disponível em : Splash Latino – Giustino – Historiarum Philippicarum T Pompeii Trogi Libri XLiv – Liber Ii – 12. Acesso em: abril de 2023.

## **Documentação imagética**

KEOGH, Caitlin. *Intestine and Tassels*. 2015. Pintura, tinta acrílica sobre tela, 213.4 x 160.3 cm. Whitney Museum of American Art, New York.

## **Referências bibliográficas**

BASLEZ, Marie-Françoise. Polémologie et Histoire dans le livre de Judith. *Revue Biblique*, [S. L.], v. 111, n. 3, p. 362-376, 2004.

BECK, Madeline. Caitlin Keogh: feminine feminism. *The Kennesaw Journal of Undergraduate Research*, Kennesaw, [S. L.], p. 1-9, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2019.

CALADO, Luciana. *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

CARNEY, Elizabeth. Women and Dunasteia in Caria. *The American Journal Of Philology*, Baltimore, [S. L.], p. 65-91, 2005.

CARTLEDGE, Paul. Herodotus: a historian for all time. *History Today*, v. 63. Disponível em: <https://www.historytoday.com/archive/herodotus-historian-all-time>. Acesso em: 2 set. 2022.

CUCHET, Violaine. *Artémise: une femme capitaine de vaisseaux en grèce antique*. Paris: Fayard, 2022.

- DORÉ, Daniel. Dossier: le livre de Judith ou la guerre et la foi. *Les Cahiers Evangile*: Le livre de Judith, Paris, v. 132, p. 3-52, 2005.
- DUBE, Musa. Rahab Says Hello to Judith: a decolonizing feminist reading. In: SUGIRTHARAJAH, Rasiah. *The Postcolonial Biblical Reader*. Oxford: Blackwell, 2006, p. 142-158.
- ENDERLÉ, Marcelle. Images de femmes ou une lecture féministe du Livre de Judith. *Littératures*, Toulouse, v. 1, p. 277-282, 1979.
- EFTHIMIADIS-KEITH, Helen. Judith, Feminist Ethics and Feminist Biblical/Old Testament Interpretation. *Journal of Theology for Southern Africa*, Durban, p. 91-111, 2010.
- FOUCAULT, Michel. Nouveau millénaire, Défis libertaires. Copyleft 2001/2014 “Les mailles du pouvoir”. Conférence de Michel Foucault au Brésil Dits Ecrits tome IV texte n. 297 « Les mailles du pouvoir » Michel Foucault Dits Ecrits Tome IV Texte n° 315.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; GARRAFFONI, Renata Senna. Sallust, between past and present. *Scripta Antiqua*, Rome/New York, v. 109, p. 126-137, 2018.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. A aculturação como modelo interpretativo: o estudo de caso da romanização. *Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas*, Guarulhos, v. 3, n. 2, p. 246-255, 2019.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Anacronismos e apropriações. In: PINSKY, Jaime; BASSANEZI, Carla (orgs.). *Novos combates pela História*. Desafios, Ensino. São Paulo: Contexto, 2021b, p. 115-145. v. 1.
- \_\_\_\_\_. Epilogue: agency, past, present and future. In: COURRIER, Cyril; OLIVEIRA, Julio Cesar Magalhães de (ed.). *Ancient History from below: subaltern experiences and actions in context*. Nova Iorque: Routledge, 2021, p. 278-284.
- GREENWOOD, Emily. Reception Studies: the cultural mobility of classics. *Daedalus*, Cambridge, v. 145, n. 2, p. 41-49, 2016.
- HANSON, Victor Davis. *The Western way of war: infantry battle in Classical Greece*. New York: Alfred A. Knopf, 1989.
- JORDAAN, Pierre; HOBYANE, Risimati. Writing and reading war: rhetoric, gender, and ethics in Judith. *Sabinet: African Journals*, [S. L.], p. 238-247, 2009.
- MARTINDALE, C. Reception – a new humanism? Receptivity, pedagogy, the transhistorical. *Classical Receptions Journal*, Oxford, v. 5, n. 2, p. 169-183, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

PATTERSON, Dilys Naomi. "Honoured in her time": queen shelamzion and the book of judith. Tese (Doutorado) – Curso de Religious Studies, Faculty Of Graduate And Post-Doctoral, University Of Ottawa, Ottawa, 2002.

PHILONENKO, Marc. L'origine essénienne du livre de Judith. *Académie Des Inscriptions Et Belles-Lettres*, Paris, v. 140, n. 4, p. 1139-1156, 1996.

PORTER, James I. Reception Studies: future prospects. In: HARDWICK, Lorna; STRAY, Christopher (eds.). *A Companion To Classical Receptions*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2007, p. 469-481.

SAWYER, Deborah. Dressing up/dressing down: power, performance and identity in the book of judith. *Theology & Sexuality*, London, v. 2001, n. 15, p. 23-31, 2001.

SOMMERS, Paula. Gendered readings of The Book of Judith: guillaume du bartas and gabrielle de coignard. *Romance Quarterly*, London, v. 48, n. 4, p. 211-220, 2001.

WEST, Martin Litchfield. *The east face of Helikon: west asiatic elements in greek poetry and myth*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

### **Notas**

---

<sup>1</sup> Tradução do Autor.

<sup>2</sup> Tradução do Autor.

<sup>3</sup> Tradução do Autor.

<sup>4</sup> Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira.

<sup>5</sup> Tradução do Autor.

<sup>6</sup> Tradução do Autor.